

**ARTE NA SERRA:
EDUCAÇÃO SEMPRE DÁ CERTO
UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA EM CORONEL JOSÉ DIAS – PI**

Marian Helen da Silva Gomes Rodrigues¹

Resumo

Envolver as comunidades nos processos de apropriação, preservação e fruição do patrimônio arqueológico é mesmo necessário, e nesse processo, a utilização de instrumentos pedagógicos é fulcral. Partindo desse princípio basilar, apresentaremos a experiência educativa centrada no patrimônio arqueológico desenvolvida no município de Coronel José Dias, Piauí - entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, por meio de oficinas culturais, experimentação didática e visitas aos sítios arqueológicos. E por fim, destacaremos os resultados, preliminares, oriundos dessa experiência e o seu plano de sustentabilidade.

Palavras-Chave: Educação, Arqueologia, Comunidade, Piauí.

Abstract

Engaging communities in the processes of appropriation, preservation and enjoyment of the archaeological heritage is even necessary, and in this process, the use of pedagogical tools is essential. Based on this principle, we will present the basic educational experience centered on archaeological heritage developed in the municipality of Coronel José Dias, Piauí - surroundings of Serra da Capivara National Park, through cultural, educational experimentation workshops and visits to archaeological sites. And finally, one will highlight the results, foreplay, and its sustainability plan.

Keywords: education, archaeology, community, Piauí.

¹ Doutoranda em Quaternário, Materiais e Culturas. Mestre em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre. Especialista em Preservação Patrimonial (PEP/IPHAN). Arqueóloga da Documento Cultural Arqueologia e Antropologia. E-mail: marianhelen@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Figura 1: Imagens das atividades educativas realizadas no município de Coronel José Dias – PI.



Fonte: Projeto “Arte na Serra”.

Este artigo apresenta a experiência educacional “Arte na Serra”, desenvolvida no ano de 2011, no município de Coronel José Dias - Piauí, no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, com um público infanto-juvenil.

Por meio de oficinas culturais – experimentação didática, palestras, exposições audiovisuais e visitas aos sítios arqueológicos, buscou-se envolver o público no universo da arqueologia, estimulando-os a tomada de consciência da importância do patrimônio – Parque Nacional Serra da Capivara – para o fortalecimento e revalorização da identidade cultural das populações atuais.

O Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno é portador de um grande acervo arqueológico, com evidências materiais da ocupação humana no território nacional, desde o pleistoceno. Tal acervo é composto atualmente por mais de 1.158 sítios arqueológicos em toda a região, e destes, mais de 800 apresentam arte rupestre – pinturas e gravuras, em abrigos sob-rocha e a céu aberto.

Essa diversidade arqueológica permitiu que uma equipe multidisciplinar estudasse a região em busca de informações que permitissem compreender a relação do homem com seu meio ambiente através dos tempos (GUIDON, 2007).

Dada à importância do complexo artístico rupestre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), inscreveu o Parque Nacional Serra da Capivara na lista dos sítios do Patrimônio Mundial, na categoria cultural, e por sua relevância nacional o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu o Parque como Patrimônio Cultural, registrando no livro do tombo, arqueológico, paisagístico e etnográfico.

Diante desse contexto, a extroversão dos conhecimentos gerados nas pesquisas para a comunidade, no sentido de promover uma integração, pertencimento, apropriação, salvaguarda e fruição social vê-se necessária. Desde que parta de iniciativas compartilhadas e integradas, feitas com a comunidade e não para a comunidade.

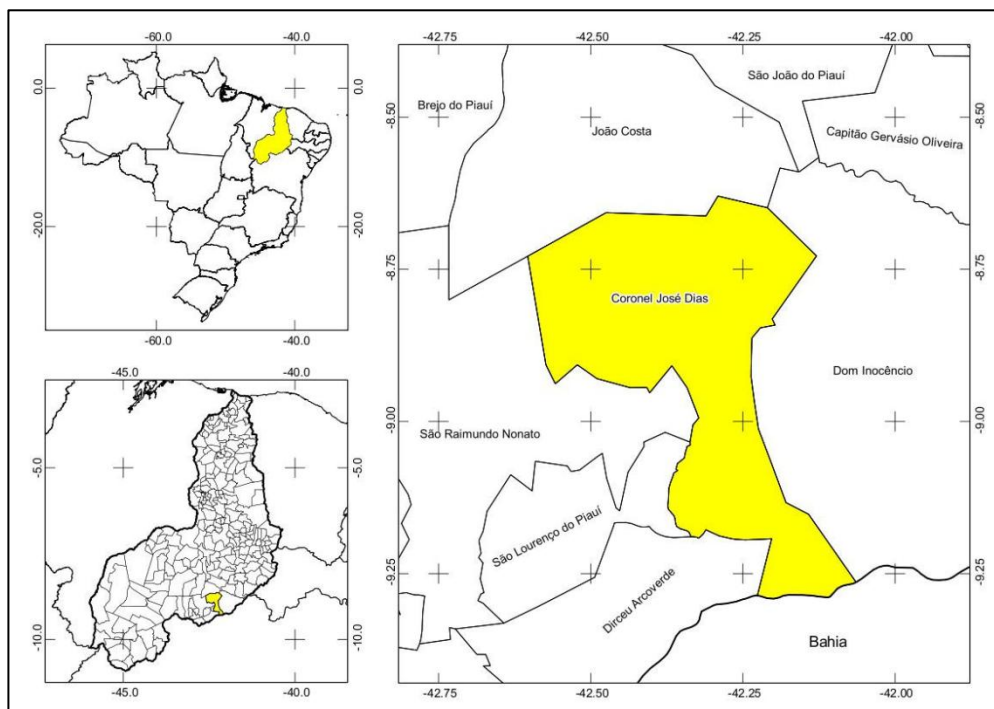
E foi comungando desse pensamento que nasceu o Projeto Arte na Serra: Educação Sempre dá certo, uma iniciativa educativa da comunidade para a comunidade.

CONTEXTO

O município de Coronel José Dias está localizado no semiárido nordestino, no sudeste do estado do Piauí, em pleno bioma caatinga. Com uma área territorial de 1.915 km², representando assim 0,7244% do estado, 0,1172% da região e 0,0214 do território brasileiro, seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é médio (0,580) e a renda per capita de R\$ 2.653.23 (IBGE, 2008).

Segundo dados do censo 2010 possuem 4.541 habitantes (2.378 sexo masculino e 2.163 sexo feminino) e a densidade demográfica é de 2,49 habitantes por km² (IBGE, 2010). Está a 548 km da capital do estado, Teresina, e sua sede tem as coordenadas geográficas de 08 graus 48'59" de latitude sul e 4240'45" de longitude oeste.

**Figura 2: Mapa de localização do município de Coronel José Dias.
Processamento de dados Maxim Jaffe.**



Fonte: Projeto “Arte na Serra”.

O perfil do município é basicamente rural. Segundo o último censo a população rural corresponde a 67,17% e a urbana a 32,83%. A atividade econômica atual se constitui de serviços, agropecuária e indústrias (IBGE, 2011).

Dentre os quatro municípios limítrofes do Parque Nacional Serra da Capivara², Coronel José Dias é o mais próximo, e foi nele que a equipe multidisciplinar da missão franco-brasileira desenvolveu as primeiras pesquisas arqueológicas.

O Parque Nacional Serra da Capivara, criado em 1979, corresponde a uma área de 129.140 hectares com um perímetro de 214 km², situado entre as seguintes coordenadas geográficas: 8° 25'50” e 8° 54'23” de latitude sul e 42° 19'57” e 45° 51” de longitude oeste. Dista 530 km da capital Teresina.

² O Parque Nacional Serra da Capivara limita-se com São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí.

Figura 3: Mapa adaptado de localização do Parque Nacional Serra da Capivara.



Fonte: Projeto “Arte na Serra”.

Figura 4: Cidade de Coronel José Dias.



Foto: Airton Sousa.

PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL COM AS COMUNIDADES

O valor de um patrimônio está no sentimento de pertencimento que ele desperta nas comunidades, reforçando a identidade coletiva, a educação e a formação da cidadania (FONSECA, 2005).

Na modernidade, preservar o patrimônio cultural brasileiro virou palavra de ordem, muitas são as discussões acerca da temática, e diversas são as medidas de

proteção, entre elas estão inseridas as ações educativas, nomeadamente “Educação Patrimonial”, com as comunidades.

Os debates, além de deixar claro que a inserção da comunidade como agente ativa nos processo de preservação é mesmo necessária, serviram para jogar luz sobre os pesquisadores de diversas áreas que atuam diretamente com o patrimônio cultural em suas múltiplas faces, que vêm refletindo e se dedicando a buscar caminhos para adaptar essa temática aos diversos contextos e patrimônios – materiais e imateriais.

Portanto, as ações educacionais são hoje consideradas um forte instrumento de preservação patrimonial, pois, ela oportuniza o conhecimento e apropriação do sujeito em relação ao Patrimônio Cultural, tornando-se assim uma medida indispensável na sensibilização das comunidades, da importância de se manter uma relação harmoniosa com o patrimônio, sobretudo no que tange a sua salvaguarda.

As recomendações da Carta de Paris (1962) e da UNESCO são enfáticas em afirmar que na aplicação de instrumentos de salvaguarda é obrigação primordial uma educação empreendida dentro e fora das escolas para despertar e desenvolver o respeito pelas paisagens e sítios, evidenciando, ainda, que a preservação do patrimônio cultural depende, sobretudo, do seu conhecimento e de uma educação voltada à compreensão e valorização da diversidade. Para tal devem-se utilizar os mais diversos recursos disponíveis.

Dentro dessa conjuntura a práxis educativa é fulcral, visto que as principais recomendações internacionais e nacionais alimentam essa perceptiva – educar as comunidades para fomentar a proteção e preservação do patrimônio cultural; educar para o exercício da cidadania; educar as pessoas para repensarem suas condutas predatórias com o seu meio ambiente; educar através da emoção, levantando questões como memória, identidade, herança, afetividade, apropriação e (re)valorização; educar mostrando que deve-se respeitar a diversidade cultural (RODRIGUES, 2011).

Compreendemos, portanto, que no arcabouço da preservação do patrimônio cultural, sujeitos conscientes estarão “aptos construir um futuro menos predatório” (CASCO, 2006, p. 03), pois, o conhecimento crítico e a apropriação das comunidades de seu patrimônio são a garantia de preservação, usos sustentáveis e fruição social no presente e para o futuro.

No Brasil, o conceito de preservar o patrimônio através da educação já veio de Mario de Andrade no período de criação do SPHAN, atual IPHAN, quando o mesmo elucidou que a proteção do patrimônio depende da educação. Mais adiante, no final do século XX, Aloísio Magalhães corroborou essa afirmativa quando diz que a comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio. Rodrigo Melo Franco de Andrade⁷ já cogitava que o único meio eficaz de garantir a defesa do patrimônio histórico e artístico nacional, seria através da educação popular (ORIÁ, 2008 apud RODRIGUES, 2009).

A própria Constituição Federal de 1988, no seu artigo 225, § 1º, VI, diz que dentre outras formas de assegurar o direito de todos a um meio ambiente sadio, deve-se promover a educação ambiental³ em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

Carvalho e Oliveira (2010) asseveram que é preciso investir na educação porque é através dela que a população apropriar-se-á do conhecimento da realidade cultural. Desse modo, as pessoas estarão mais aptas a conviver solidariamente, de forma sustentável, com os recursos naturais e culturais disponíveis no seu meio ambiente.

Neste sentido, a prática pedagógica, aqui adotada, pauta-se na necessidade de reconhecer a realidade, sobre ela refletir e nela intervir, numa perspectiva de desconstruir saberes internalizados, modificando, dessa forma, “hábitos, atitudes, valores, comportamentos e conceitos” (SOUSA E REIS, 2003 apud CARVALHO E OLIVEIRA, 2010, p. 47).

O projeto Arte na Serra traz esse enfoque – o levar os sujeitos a (re)descobrirem novas formas de olhar, de apreciar e de usufruir o seu espaço, do seu território, de forma a desenvolver entre eles atitudes preservacionistas (CUNHA, 2004 apud RODRIGUES, 2011).

Ademais o processo educativo, em qualquer área do conhecimento, leva o indivíduo a utilizar suas capacidades intelectuais para a obtenção de habilidades e conceitos que serão utilizados na vivência cotidiana, seja na educação formal – no contexto curricular, como na educação informal – no contexto extracurricular.

⁷ Rodrigo Melo de Andrade foi o primeiro diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 13 de janeiro de 1937 com a promulgação da Lei nº. 378, que dava nova organização ao então Ministério da Educação e Saúde Pública. Fonte: Relatório de Atividades, IPHAN, 1999/2000.

³ Aqui consideramos a Educação Ambiental indissociável da patrimonial.

ARQUEOLOGIA DA COMUNIDADE

É unanimamente reconhecido que o conhecimento das origens e desenvolvimento das sociedades humanas é de fundamental importância para toda a humanidade, permitindo-lhe reconhecer as suas raízes culturais e sociais (CARTA LAUSANNE, 1990).

No campo da arqueologia muitos pesquisadores veem igualmente a “educação patrimonial” como um meio de aproximar as comunidades situadas no entorno dos bens arqueológicos, aos conhecimentos inerentes à arqueologia. Uma vez que “de nada adianta pesquisas extremamente complexas e abrangentes, se a comunidade a que pertence este passado ou que, pelo menos, está indiretamente relacionada, não participar das pesquisas e desconhecer os seus resultados” (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2006).

Neste enfoque, percebe-se que os arqueólogos e pesquisadores afins vêm assumindo novos posicionamentos no que concerne ao papel social da arqueologia. Ainda, segundo Robrahn-González (2006), os arqueólogos perceberam que necessitavam reconhecer não somente sua responsabilidade sobre os vestígios arqueológicos, mas igualmente sobre as pessoas cuja herança histórica e cultural estes vestígios se relacionam.

O patrimônio arqueológico é um tesouro cultural frágil e não renovável, portanto, deve-se, por esse motivo, serem empreendidas políticas eficazes de proteção (CARTA DE LAUSANNE, 1990), dentre as quais destacamos, entre outras, a extroversão dos conhecimentos gerados nas pesquisas arqueológicas para o público. Demonstrando para as comunidades que o patrimônio arqueológico é uma herança de todos e sua proteção é de responsabilidade social/coletiva.

Entende-se que nesse processo a educação é eminentemente importante para que se estabeleçam laços afetivos, desperte sentimento de pertença e, conseqüentemente, práticas conscientes de preservação do patrimônio arqueológico, pelas comunidades que habitam o seu entorno.

Tal como afirma Funari (2001) por um lado as comunidades podem ser os maiores guardiões do seu patrimônio, como por outro podem ser os seus maiores destruidores, uma vez que estes, inconscientes da importância dos sítios arqueológicos, podem provocar ações depredatórias.

Nesse sentido, a educação patrimonial no viés da arqueologia pode desempenhar um papel significativo, mostrando a diversidade do passado, os modos de viver e fazer

dos diferentes grupos humanos, desta forma, o sujeito comum pode se reconhecer no discurso arqueológico, usando o passado para compreender o presente. Entendendo que são os principais guardiões desse patrimônio.

PROJETO ARTE NA SERRA: EDUCAÇÃO SEMPRE DÁ CERTO

A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo (FREIRE, 2001).

A idealização do projeto foi motivada pelo edital do Programa BNB de Cultura – Edição 2011, na categoria artes integradas⁴, que teve o patrocínio do BNDES, Banco do Nordeste e Governo Federal.

Nesse sentido o projeto teve como objetivos:

- Envolver os participantes no universo da arqueologia, através da experimentação didática, mostrando como o homem pré-histórico utilizava

os recursos da natureza para pintar nos paredões rochosos, para fabricar seus instrumentos e objetos de uso cotidiano.

- Discutir e ampliar conceitos básicos como patrimônio cultural (material e imaterial), processos de salvaguarda e legislação patrimonial.
- Despertar nos participantes o sentimento de pertencimento e apropriação consciente do patrimônio cultural local.

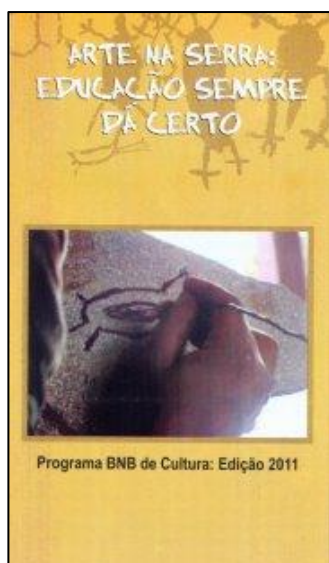


Figura 5: Folder do projeto Arte na Serra.

É importante salientar que o Programa de Cultura Banco do Nordeste, criado pelo Banco do Nordeste, objetiva democratizar o acesso aos recursos destinados ao patrocínio de ações culturais, priorizando a cultura do Nordeste e a do norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo,

considerando que estão inseridas na cultura brasileira e universal. Além disso, o Programa está focado na facilitação do acesso da comunidade aos instrumentos, equipamentos e meios de produção de bens culturais. Também contribui no intercâmbio

⁴ Dentre as cláusulas do edital o proponente deveria ser pessoa jurídica de direito público interno, pessoa jurídica de direito privado ou pessoa física, sendo que nos encaixamos nesse último requisito.

com outras culturas, na formação de novas plateias e de cidadãos críticos e conscientes, na ampliação e na democratização das oportunidades de criação, circulação e fruição dos bens culturais, bem como na promoção, proteção e transmissão da diversidade cultural⁵.

CAMINHOS PERCORRIDOS

As Oficinas Culturais foram desenvolvidas com crianças e jovens nas idades de 7 a 16 anos. As ações do projeto aconteceram de forma itinerante – a equipe ia às escolas e aos espaços públicos, atingindo a comunidade infanto-juvenil da zona urbana e zona rural do município.

Foram realizadas 10 oficinas com um público de 30 pessoas cada, totalizando 300 pessoas entre crianças e jovens e a confecção de 500 folders de divulgação. Todavia, foram desenvolvidas mais 4 oficinas com público de 30 pessoas. Sendo que no final atingimos um público geral de 420 crianças e jovens.

De acordo com censo populacional de 2010, o contingente nessa faixa etária está entre 1.000 pessoas aproximadamente, ou seja, cerca de 42% da faixa etária no município foi abarcada com as atividades inerentes ao projeto em tela. Nesse caso, obtivemos um resultado significativo no que tange a abrangência do projeto.

Para a mobilização do público alvo, contamos com a parceria da Secretaria de Educação municipal: secretário de educação, diretores de escolas e professores, onde foi realizada uma parcela das oficinas. Ainda contatamos o programa PET e o Pró-Jovem municipal, que já desenvolvem várias ações culturais com jovens de baixa vulnerabilidade social. Criamos, assim, uma teia de integração cultural de atuação local.

Na realização das oficinas tivemos a colaboração dos especialistas em arqueologia Jorlan da Silva Oliveira e Marcos César Pereira Santos e os condutores de visitantes do Parque Nacional Serra da Capivara Tribos da Capivara Marília da Silva Gomes, Luciano da Silva Gomes e Sócrates Dias de França, através da participação voluntária.

⁵ Saiba mais:

http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/Eventos/ProgramaBNB_deCultura/gerados/objetivos.asp.

ETAPA I: OFICINAS CULTURAIS

Figura 6: Palestra sobre a ocupação humana, e demonstração de artefatos líticos e cerâmicos oriundos de experimentações.



Fotos: Acervo Arte na Serra.

Nas oficinas foi apresentada a trajetória do *homo sapiens* no território nacional e os diversos vestígios oriundos de sua cultura material.

Logo, abordamos a importância da arqueologia como uma ciência social que estuda o passado humano a partir dos vestígios materiais, e o estudo da paisagem com intuito de compreender como era o ambiente no passado e como aconteceram as mudanças no decorrer do tempo. Abordamos, ainda, sobre o papel do arqueólogo – o especialista responsável pela interpretação desses vestígios.

Doravante, inferimos na discussão conceitos de herança, memória e afetividade, para debater a importância da preservação desses vestígios materiais e imateriais.

Noções de legislação foram incorporadas no discurso, mostrando que existem leis, decretos e recomendações que regem a proteção do patrimônio cultural brasileiro e mundial.

Para este fim, fizemos uso de vídeos, fotografias e demonstração de peças arqueológicas – oriundas de experimentações didáticas: vestígios líticos, cerâmicos e placas de pedra pintadas com pigmentos em ocre.

Nesse processo o desenvolvimento cognitivo foi estimulado, permitindo que os sujeitos construíssem seus próprios conceitos e opiniões, compreendendo que no passado homens e mulheres viviam coletivamente em harmonia com seu meio ambiente, e que só respeitando a biodiversidade garantirão a continuidade dos recursos

naturais, fonte necessária para sobrevivência humana. Ademais, fomentou-se a reflexão sobre as próprias atitudes cotidianas e a preservação do meio no qual estamos inseridos.

Figura 7: Palestra sobre a ocupação humana, papel da arqueologia, apresentação de vídeo sobre evolução humana e imagens sobre o Parque Nacional Serra da Capivara.



Fotos: Acervo Expedição Nordeste – Alécio Cezar.

ETAPA II: EXPERIMENTAÇÃO DIDÁTICA⁶

Acompanhados pelos agentes culturais as crianças e jovens tiveram a oportunidade de tocar nos artefatos (instrumentos produzido em experimentação) e reproduzi-los – por meio de pintura e modelagem.

Esse foi o momento mais importante da oficina, pois na medida em que se iam construindo a tinta, à base de ocre, para pintar nas placas de pedra as manifestações cotidianas; o manuseio e modelagem na argila – construindo vasos, potes, panelas; surgiam dúvidas, inquietações, curiosidades, interpretações e descobertas, provocando um entendimento sobre a nossa existência e evolução.

⁶ No Museu de Arte Rupestre e do Sagrado Vale do Tejo em Mação e Instituto Terra e Memória em Portugal existem o projeto ANDAKATU de arte e patrimônio, coordenados pelo professor Drº Luiz Oosterbeek, Drª Sara Cura e Pedro Cura, cujas ações educativas estão pautadas nas pesquisas resultantes de vários programas arqueológicos realizados. É um projeto conceituado nacional e internacionalmente pela excelência de educar as pessoas com base na experimentação. Durante o ano de 2010 a autora aqui presente teve a oportunidade de estagiar nesse projeto, o que motivou trazer um pouco dessa iniciativa para o Projeto Arte na Serra.

Esse contato direto permitiu aos sujeitos entender uma sucessão de informações a respeito do patrimônio, o seu contexto histórico temporal, as formas, usos, as tecnologias e sua evolução, os instrumentos de que dispunham, as crenças, os valores dos grupos humanos que os construíram, modificaram e utilizaram, e que fizeram história num determinado tempo e espaço (HORTA, 1999 apud POR RODRIGUES, 2011).

Figura 6: Demonstração da oficina - crianças fabricando a tinta à base de ocre para pintar nas placas os motivos rupestres, através das representações do cotidiano atual.



Fotos: Acervo Expedição Nordeste – Alécio Cezar.

ETAPA III: ACESSIBILIDADE E FRUIÇÃO

Nada substitui o objeto real, fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou (HORTA, 1999).

A fim de proporcionar o contato direto das crianças e jovens com o patrimônio arqueológico em tela, foram organizadas visitas aos circuitos turísticos dos Serrotes Calcários da Bastiana.

Figura 7: Visita Guiada aos Sítios arqueológicos Serrote da Bastiana e Barrigudo.



Foto: Acervo Expedição Nordeste - Alécio Cezar.

O circuito mencionado está situado na região dos afloramentos calcários na área envoltório do Parque Nacional Serra da Capivara. Lá foi encontrado um conjunto de pinturas e gravuras rupestres e a uma grande quantidade de sepultamentos. É uma área rica em fósseis, inclusive de megafauna, com um potencial turístico para várias gerações, motivo que levou o Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Regional de São Raimundo Nonato, à preparação da trilha interpretativa Serrotes da Bastiana, visando à integração dos moradores e a promoção do turismo cultural.

Figura 8: Aula guiada ao sítio arqueológico Serrote da Bastiana e sítio do Barrigudo.

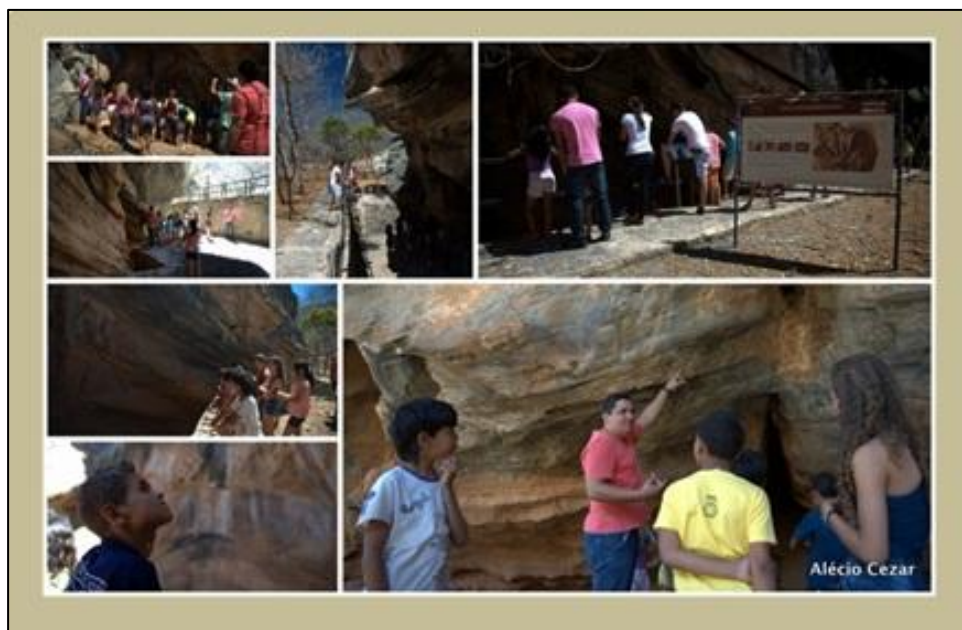


Foto: Acervo Expedição Nordeste- Alécio Cezar.

Tal iniciativa proporcionou um aprendizado mais rico e prazeroso, pois, foi o momento que as crianças puderam, *in loco*, levantar questionamentos importantes sobre como viviam os seus antepassados, como pintavam naqueles paredões rochosos, o que utilizavam para fazer os traços nas rochas, como viviam ali, o que comiam, como brincavam, como se curavam das doenças, e assim por diante.

Houve uma intensa sinergia com os conhecimentos partilhados nas oficinas e o contato direto com o patrimônio arqueológico e paisagístico da Serra da Capivara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESULTADOS E PLANO DE SUSTENTABILIDADE

O projeto Arte na Serra ofereceu a oportunidade para que as crianças e jovens do município de Coronel José Dias criassem seus próprios entendimentos em relação ao seu patrimônio, mediante uma análise crítica e cidadã. Uma vez que os participantes foram trazidos para dentro do universo da arqueologia, permitindo-os conhecer as sociedades do passado, seu funcionamento e suas transformações no decorrer do tempo, com isso foram provocados a problematizar os seus modos de vida atual, a formular

novos conceitos, entendendo que fazemos parte desse processo evolutivo e das transformações que ocorrem no seu meio ambiente.

Em dado momento da oficina, o público-alvo teve a oportunidade de expressar livremente sobre o que aprenderam, e como tais conhecimentos passarão a influenciar as suas atitudes cotidianas.

Escreva uma frase ou uma palavra sobre o que você aprendeu nessa oficina.

Aprendi que as pessoas tem que preservar o Parque;
Aprendi que as pinturas rupestres são desenhos importantes para a humanidade;
Aprendi sobre o Parque e como era antigamente;
Aprendi sobre a fabricação da cerâmica;
Aprendi muitas coisas que eu não sabia;
Aprendi como o trabalho do arqueólogo é importante;
Aprendi tudo sobre o Parque Nacional Serra da Capivara;
Aprendi que eles utilizavam as lascas de pedra para serem suas armas;
Aprendi sobre o homo sapiens;
Preservar é um ato de educação;
A cultura sempre em nossa vida;
Oficina de argila;
Fazer cerâmica de barro e fazer a tinta;
Aprendemos sobre o homem pré-histórico;
Aprendi a pintar na pedra, achei ótimo;
Aprendi pintar na pedra e fazer pote de cerâmica;
Aprendi que é importante preservar a cultura;
Aprendi sobre a nossa história;
Aprendi como o trabalho do arqueólogo é importante
A oficina arte na serra é muito bom, obrigada;
Aprendi que devemos preservar;
Aprendi sobre o nosso passado;

Aprendi a fazer um tatu de barro e pintar;
Aprendi sobre o Parque Nacional da Humanidade;
É muito importante para nós aprendermos sobre a Serra da
Capivara;
Foi muito bom para todos;
Aprendi que nós devemos nos preocupar com o Parque;
Aprendi sobre as pinturas rupestres e o homem;
Aprendi a fazer um monte de coisas com o barro:
Aprendi que agente tem que preservar;

(Depoimentos dos participantes das oficinas – crianças e jovens – 2011)

Pela recorrência dos depoimentos percebe-se claramente que as atividades educativas não só despertaram o sentimento de pertencimento e (re)valorização cultural, como a preocupação com a preservação do patrimônio arqueológico da região da Serra da Capivara.

Acreditamos que é necessário que as pessoas reconheçam sua cultura como patrimônio, pois somente através deste reconhecimento e do respeito às próprias raízes, o indivíduo será capaz de desenvolver o respeito por si mesmo e por sua história, e por consequência pelo patrimônio cultural do seu lugar, criando assim mecanismos de apropriação, preservação e fruição social. E a educação é a principal mediadora nesse processo.

Por isso, as ações educativas tornam-se cada vez mais importantes, pois é envolvendo os diversos grupos sociais que se fortalecerão os vínculos entre as pessoas e o seu passado, ampliando o interesse da sociedade sobre o seu patrimônio.

O projeto obteve uma projeção regional e nacional, por cumprir o seu papel social de transformar a realidade local, através da formação de plateia, criação, fruição e democratização dos bens culturais, sendo incluído no documentário da Expedição Nordeste – o documentário visa dar visibilidade a iniciativas culturais desenvolvidas em regiões de grande vulnerabilidade social, mas que são destaques por iniciativas simples de inclusão social.

Em 2012 o projeto foi selecionado pelo prêmio agente Jovem de Cultura do Ministério da Cultura, e destaque em várias revistas locais e regionais.

Na ótica do nosso trabalho partimos da premissa de que o ensino-aprendizagem para as comunidades deve ser um processo participativo, permanente, sistemático e contínuo, tendo em vista que seus resultados só serão visto em longo prazo.

Assim o projeto Arte na Serra não encerrou as suas atividades, o plano de continuidade e sustentabilidade está em andamento, temos que vencer apenas um entrave: a falta de recursos, mas já estamos em busca de investimentos financeiros. Inclusive, vislumbramos incorporar pessoas de distintas idades – adultas e idosas, nesse processo constante de reconhecimento e revalorização cultural.

É a comunidade interagindo com a comunidade, é o processo de construção da cidadania em prol da sensibilização e a (re)valorização do patrimônio cultural, permitida a qualquer cidadão, independente de classe social, idade ou cor. É a ação cultural, é a arte na serra. SOMOS NÓS!

Figura 9: Oficina do projeto Arte na Serra e equipe de agentes culturais.



Foto: Acervo Expedição Nordeste - Alécio Cezar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais ao BNDES, Banco do Nordeste e Governo Federal pelo patrocínio, através do Programa BNB de Cultura, Edição: 2011. Aos parceiros que contribuíram para a realização desse trabalho: Meu mestre Jorlan da Silva Oliveira, meu amigo Mestre Marcos César Pereira Santos; os condutores de Visitantes Tribos da Capivara: Marília da Silva Gomes, Sócrates Dias de França e Luciano da Silva Gomes; Liriel Gomes Tavares – a nossa monitora mirim, a professora Filomena Neiva, Lucas Braga, prefeitura municipal de Coronel José Dias, e a empresa Documento Cultural, Arqueologia e Antropologia.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R. R.; OLIVEIRA, J. E. S. **O sonho construído em mutirão: uma experiência de convivência com o semiárido**. Projeto Fecundação. Caritas Brasileira Regional do Piauí. Teresina: Ed. Cáritas Brasileira. 2010.

CASCO, A. C. A. J. **Sociedade e Educação Patrimonial**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Rio de Janeiro (PDF).

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (1988) - **Revista dos tribunais**. São Paulo.

CUNHA, D. F. S.. **Patrimônio Cultural: proteção legal e constitucional**. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

CURY, I. (org). Carta de Paris -1962. **Cartas patrimoniais**. 3ª edição. IPHAN. Rio de Janeiro. 2004.

_____. Carta de Lausanne - 1990. **Cartas patrimoniais**. 3ª edição. IPHAN. Rio de Janeiro. 2004.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Segunda edição. Editora UFRJ; MINC – IPHAN. Rio de Janeiro, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 19 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

FUNARI, P. P. A. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto. p. 123-132. 2001.

GUIDON, N. Parque Nacional Serra da Capivara: modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. In: Tânia Andrade Lima (Org). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Brasília Nº 33, p. 75-93. 2007.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Museu Imperial. 1999.

IBGE – **Censo demográfico 2008**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso 20 de janeiro de 2011.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso 20 de janeiro de 2011.

IBGE. **Informações municipais**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso 20 de janeiro de 2011.

ORIÁ, R.. **Educação Patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em www.educacional.com.br. Acesso: 28 de junho de 2011.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.R. O programa Arqueológico do Rodoanel Metropolitano de São Paulo - Trecho Oeste: ciência, preservação e sustentabilidade social. **Patrimônio: Atualizando o Debate**. In MORI, V. H., SOUSA, M. C. de., BASTOS, R.L., e GALLO.H (org). São Paulo: 9ª SR/IPHAN pp:169-190, 2006.

RODRIGUES, M. H. da S. G. **A temática do Patrimônio Cultural no projeto político-pedagógico: Caso da Unidade Escolar Elzair Rodrigues de Oliveira**. [Monografia apresentada ao Programa de Especialização em Patrimônio- PEP 2007/2009] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional 50pp, 2009.

Parque Nacional Serra da Capivara: Educação, Preservação e Fruição Social. Um estudo de caso em Coronel José Dias - Piauí. (Dissertação de mestrado) Mestrado Erasmus Mundus em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre, Universidade Tras-os-Montes e Alto Douro – PT. p. 170- 2011.

SANTOS, I. da S. F. dos. **Patrimônio Cultural: leitura crítica dos conceitos e suas implicações na prática escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2008.